

Newsletter\_outubro 2020

## MORCEGOS COMBATEM PRAGAS

De forma a potenciar a minimização da aplicação de fitofármacos nas explorações agrícolas, tem sido divulgado a instalação de caixas abrigo para morcegos, destacando os meios de luta biológica no combate a pragas, como seja o fomento da utilização dos quirópteros como consumidores naturais de pragas.

A EDIA tem em curso um projeto piloto no combate a pragas por meios naturais, potenciando a fixação de colónias de Morcegos nas herdades.

O Morcego, sendo um animal insetívoro, afigura-se como um importante aliado do homem no combate biológico aos insetos que, na maior parte das vezes, constituem pragas para as culturas instaladas, nomeadamente os mosquitos e a traça da azeitona, entre outros.

Ao serem instaladas caixas especialmente concebidas para refúgio dos morcegos em locais previamente selecionados, maioritariamente em árvores, são criadas condições para que uma colónia de morcegos a ocupem e, a partir daí, aproveitar a voracidade destes animais para um combate efetivo às pragas nas culturas.

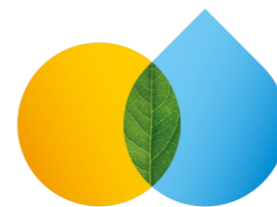
Cada morcego da espécie que ocupa estas caixas, pesa em média 6 gr e consome por noite metade do seu peso em insetos. E se tivermos em conta que uma só caixa pode albergar cerca de 200 morcegos, então poderemos dizer que cada caixa de morcegos será responsável pela dizimação de 7 Milhões e 200 mil mosquitos por mês, ou 3 Milhões e 600 mil traças da oliveira. Ou seja, num mês, uma só caixa, pode representar uma captura de 18 quilos de insetos.

Esta medida visa apoiar o agricultor no combate às pragas, diminuindo ou mesmo anulando os tratamentos específicos que são ministrados às culturas, tornando-as mais sustentáveis ambientalmente.

Esta iniciativa tem tido uma excelente adesão por parte dos beneficiários tendo já sido instalados diversas caixas abrigo. Adicionalmente têm também sido desenvolvidos trabalhos de acompanhamento de abrigos naturais destas espécies.

Quer saber mais sobre este projeto? Contacte [edia@edia.pt](mailto:edia@edia.pt).

Pode ver um pequeno filme sobre esta matéria aqui: <http://bit.ly/2mi9K3L>



Newsletter\_outubro 2020

## Alqueva, uma nova terra sustentável



### ÁGUA QUE NÃO CAI DO CÉU

Alqueva, o maior projeto hidroagrícola alguma vez feito em Portugal, tem como principal missão levar água aos campos do Alentejo, bem como às populações e indústria.

Uma tarefa hercúlea cujo principal ator é o lago de Alqueva.

A barragem de Alqueva criou o maior lago artificial da Europa. Criou uma reserva de água capaz de suportar longos períodos de seca. E já lá vão 4 anos! Quatro anos com afluências às albufeiras da região abaixo da média, quase trouxeram à memória os meados das décadas de 80 ou de 90.

Mas Alqueva deu ao Alentejo a água que não cai do Céu.

Cumprindo a sua Missão, Alqueva garantiu a água necessária para todas as atividades que dela dependem dentro da sua área de influência.

No presente ano, e até esta data, outubro de 2020, Alqueva distribuiu cerca de 350 Milhões de metros cúbicos de água. Destes, mais de 251 Milhões foram entregues diretamente aos clientes finais, cerca de 13,5 Milhões em captações diretas e um pouco mais de 84 milhões aos perímetros de rega confinantes.

Só a partir da Estação Elevatória dos Álamos, foram bombados perto de 264 milhões de metros cúbicos.

Para além desta água, Alqueva garantiu os caudais no rio Guadiana. A barragem de Pedrógão libertou para o rio, perto de

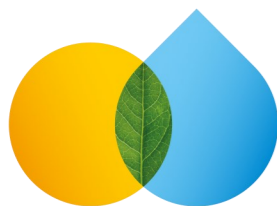
211 Milhões de metros cúbicos, água essa turbinada na Mini-hídrica de Pedrógão, garantindo ao Pulo do Lobo uma afluência acumulada perto dos 245 Milhões de metros cúbicos.

Mas há outro dado que importa referir. A dimensão da superfície do espelho de água de Alqueva é, no seu pleno armazenamento, de cerca de 250 km<sup>2</sup>. É claro que essa área não é a que hoje se verifica, mas ainda assim, a evaporação acumulada desde o início do ano até agora, é de 136 milhões de metros cúbicos, ou seja, o equivalente a mais do que uma albufeira do Roxo.

Todos estes volumes de água extraídos da albufeira de Alqueva levaram a que, e na sequência de outros anos secos, a cota tenha baixado para menos de 144 metros, ou seja, 8 metros abaixo do seu nível de pleno armazenamento. No entanto, foi possível que a Central Hidroelétrica de Alqueva tivesse turbinado mais de 2 588 milhões de metros cúbicos, volume praticamente todo devolvido à albufeira de Alqueva por via da bombagem dos grupos reversíveis.

Para além destas Centrais, existem mais cinco Mini-hídricas, geridas diretamente pela EDIA, e que produziram neste intervalo de tempo, mais de 11,1 GWh, enquanto as fotovoltaicas tiveram uma produção de 3,1 GWh.

O volume utilizável disponível em Alqueva é, no início do novo ano hidrológico e do seu semestre húmido, de 1.433 Milhões de metros cúbicos.



Newsletter\_outubro 2020

O Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, enquanto projeto hidroagrícola, veio mudar de forma muito significativa o panorama da agricultura da região.

Permitiu introduzir um leque de culturas que potenciaram a produção agrícola e, por consequência, dinamizaram todo o tecido económico e social.

Um projeto desta natureza, que incorpora as mais modernas tecnologias disponíveis, também deve ser um projeto que incorpore na sua génese cuidados ambientais e patrimoniais que o tornem cada vez mais sustentável.

A sustentabilidade de Alqueva passará pelas ações que compatibilizam o desenvolvimento agrícola com a preservação de valores naturais.

Todos os agricultores e proprietários da região estão convocados para este desafio, implementando sistemas compatíveis com os ecossistemas locais e apostando em medidas minimizadoras do impacto da atividade agrícola.

Nesta Newsletter damos alguns exemplos aplicáveis ao espaço Alqueva, que já são hoje aplicados, fazendo dele uma referência na agricultura moderna e sustentável.

## SABIA QUE:

### A INSTALAÇÃO DE SEBES DE COMPARTIMENTAÇÃO PROTEGE A SUA CULTURA?

Em conceito as sebes vivas são conjuntos de árvores e arbustos de várias espécies, espontâneas ou plantadas deliberadamente, que podem desempenhar uma função quer de compartimentação, ao materializar os limites das propriedades agrícolas, proteger as culturas e o solo, do vento e da erosão, bordejar alguns elementos da paisagem rural como as linhas de água e caminhos, quer de elemento estruturante e ornamental em jardins e parques. Constituem ainda sistemas de uma enorme riqueza do ponto de vista ecológico ao fornecerem abrigo a um conjunto de espécies - entre os quais se contam várias aves insetívoras, que ajudam a controlar, naturalmente, as pragas que atacam as culturas.



Através da implementação destas estruturas – as quais estão já amplamente difundidas por inúmeras explorações agrícolas ao nível nacional e internacional e das quais os beneficiários retiram proveitos financeiros com expressão, através do retorno ao nível do serviço de ecossistemas – as suas funções podem servir a exploração agrícola de diversas formas:

- Quebra-vento, protegendo a cultura de ventos adversos, e desta forma, as plantas, o solo e a água;
- Melhoria das condições microclimáticas, pelo efeito de quebra vento, reduzindo a evapotranspiração;
- Minimização da erosão dos solos, promovendo a infiltração da água das chuvas;
- Estabelecimento da continuidade entre ecossistemas diversos, atuando como corredores para espécies;
- Proteção da pulverização de produtos químicos das explorações vizinhas;
- Proteção relativa a pragas e doenças atuando como uma cortina de corte para propagação das mesmas;
- Atração de fauna auxiliar permitindo o combate biológico das principais pragas.

Desta forma, considera-se que a instalação de sebes vivas/de compartimentação tem particular relevância no caso de culturas permanentes, como forma de quebra da homogeneização da paisagem, devido à extensão que esta cultura tem adquirido na área do EFMA, permitindo desta forma, não só a proteção da própria cultura, como das outras circundantes e ainda a conectividade entre os outros ecossistemas agrícolas ou naturais.

## CONHECE A IMPORTÂNCIA DA VEGETAÇÃO RIPÍCOLA?

O ecossistema ribeirinho e as suas galerias ripícolas são sistemas que interligam e interatuam com os sistemas terrestre e aquático e cujas fronteiras são, por vezes, difíceis de definir.

Não obstante, a sua importância não pode ser ignorada, uma vez que estas zonas são importantes reguladores dos ecossistemas circundantes e da sua conexão, através das funções que desempenham:

- Retenção dos sedimentos da erosão hídrica, limitando assim a perda de solo e de nutrientes por arrastamento e consequente assoreamento das linhas de água;
- Retenção de nutrientes por lixiviação;
- Influência e regulação microclimática, por exemplo através incremento da humidade relativa do ar pela evapotranspiração; da regulação da temperatura, entre outros;
- Filtro biológico através desnitrificação por bactérias ou retenção microbiana, degradando compostos como herbicidas e inseticidas;
- Produtividade biológica;
- Manutenção de zonas de abrigo e de corredores essenciais à fauna;
- Manutenção da qualidade dos sistemas de água doce.

Em sistemas ribeirinhos caracterizados por regimes maioritariamente torrenciais como existe na área de influência do EFMA, verifica-se, de forma mais acentuada, a tendência para desvalorizar estas funções, contribuindo de forma negativa para a manutenção da qualidade da própria exploração agrícola.



## VAMOS PRESERVAR OS CHARCOS TEMPORÁRIOS MEDITERRÂNICOS

Confrontados com uma realidade negativa quanto à manutenção e salvaguarda do habitat Charcos Temporários Mediterrânicos (habitat abrangido por diretivas europeias), têm vindo a ser desenvolvidas sessões de sensibilização aos proprietários, dando a conhecer as principais características dos mesmos e as principais atividades compatíveis ou não compatíveis com estas estruturas.

A EDIA tem procurado fomentar uma política ambiental assente na sustentabilidade de todo o projeto de Alqueva promovendo uma agricultura de regadio que pode e deve ser compatibilizada com os valores naturais.

Estes valores naturais que podem inclusivamente fornecer serviços de ecossistemas a todo o território que o envolve, incluem, entre outros, os Charcos Temporários Mediterrânicos, CTM.

Os CTM são depressões pouco profundas que apresentam uma alternância anual entre uma fase seca e uma fase inundada. Este habitat encontra-se protegido por diretivas nacionais e europeias, e apresenta, devido às suas características, comunidades faunísticas e florísticas únicas. Para além disso, são importantes zonas de refúgio, alimentação, abeberamento e reprodução para diferentes espécies animais.

No entanto, este habitat encontra-se seriamente ameaçado, importando por isso reforçar a sua importância enquanto ecossistema único desta região e que urge proteger e compatibilizar com os diferentes usos do solo, nomeadamente a agricultura.

Na perspetiva de conservação e compatibilização destes valores naturais com o desenvolvimento da agricultura na região, a EDIA tem em curso diversas ações, onde se inclui a atualização do Plano de Conservação dos Charcos Temporários do EFMA, bem como os trabalhos e monitorização das unidades que o compõem. Neste sentido, e apesar do momento que atravessamos, as visitas de monitorização aos charcos continuam a realizar-se, dentro do possível, e com as devidas precauções.